

Editorial

A filosofia insurgente das mulheres

Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.

[Glória Anzaldúa]

Esta edição da Revista Anãnsi parte da iniciativa de mulheres que não temem dizer o que pensam. Através de um compromisso democrático, no dossiê Filósofas e Mulheridade abre-se espaço para visibilidade da produção de pensadoras, faladas por mulheres ou por homens. Produções científicas como essas possuem compromisso ético, político e pedagógico. É ético, porque partindo dessa iniciativa apontamos as estruturas moralmente constituídas, mantenedoras de instituições preconceituosas, retrógradas e velhacas. É político, porque vem no sentido de colaborar por meio dos artigos que constituem o editorial A filosofia insurgente de mulheres. O pensar crítico é o movimento que só pode ocorrer quando questionamos os entrelaces das ações que excluem minorias, com o objetivo de ultrapassá-las. A atividade crítica torna-se pedagógica, porque junto às leituras que indagam, desafiam e provocam, estimula-se o atrito de ideias, indispensável ao exercício do filosofar.

Produções que tratam de mulheres ou de subjetividades diversas, as quais questionam o modelo de sujeito instituído e usual na filosofia, ocupam pouco ou nenhum espaço nas revistas científicas. Mais do que exigir abertura para novos olhares e novas perspectivas filosóficas, e visibilidade para produção de mulheres, evidenciamos o supostamente novo que sempre esteve presente, porém, menos acessível e menos valorizado. Pela habilidade de significar muitas coisas, a mulher abarca *poiesis* de maneira peculiar. Seja no criar-se constante que subverte caminhos ditos essenciais, ou no ressignificar a sua performance para escapar ao domínio da identidade biologizante e definidora, na tessitura de novas maneiras de ser para desvencilhar-se de um tipo de categoria encerrada em si, no labor das lutas diárias para ocupar espaços e instituições que, de maneira legítima, não permitem a sua emancipação, ou no elaborar possibilidades de educação política para o convívio

democrático com seus diferentes e iguais. Tudo isso e mais coisas que não caberiam aqui é ser constante *poiesis*.

Ser mulher é fazer, criar, existir, resistir, inventar, reinventar. O feminismo como campo filosófico que contém várias partes nele mesmo, área de pesquisas, teorias e práticas, não possui definição acabada, porém está comprometido na ação contínua de reeducação para mulheres, homens, pessoas não binárias, jovens, adultos, crianças e idosos. Nesse sentido, fazer feminismo também é dissipar e tornar possível a produção intelectual de mulheres.

Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação*, reflete sobre a inexistência de neutralidade nas pesquisas científicas, porque são feitas a partir de uma visão do espaço sociocultural de quem pesquisa. Essa visão costuma ser masculina, branca, heteronormativa e europeia. Sob a justificativa da neutralidade, acusam mulheres intelectuais de produzir experiências particulares e, por isso, suas obras não devem ser consideradas científicas ou relevantes para a sociedade como um todo. A partir dessa conclusão, questionamos: o que é sociedade como um todo? Qual sociedade é, pode ou deve ser considerada referência universal? Não é possível descrever o mundo como totalidade, mas podemos falar dos seres nele contidos. Entre eles (os seres do mundo) estão as mulheres atuando por meio de críticas e reflexões. Inclusive há registros da participação de mulheres na atividade sociopolítica em várias épocas da sociedade. Algumas pinturas rupestres, encontradas em cavernas da França e da Espanha, analisadas pelo arqueólogo Dean Snow, mostrou que cerca de 75% das pinturas foram feitas por mulheres. Não só pinturas, como também grande parte da arte produzida nos períodos que antecederam o uso da escrita.

Estávamos na antiga academia de Platão junto a filósofos como nós. Teorizamos sobre todas as áreas do conhecimento desde a consciência e subjetividade humana até as espécies que habitam as profundezas do mar; mapeamos o céu e através de cálculos, descobrimos e nomeamos estrelas; competimos em atividades físicas, ganhamos medalhas, troféus, copas do mundo e, sim, com condicionamento físico e adaptação, podemos competir com pessoas do sexo oposto. Em torno desse pensamento, percebe-se que sempre estivemos aqui e que podemos muitas coisas, inclusive escrever a nossa própria história.

Na Antiguidade, mulheres produziram textos, refletiram acerca da vida, formularam críticas e propuseram mudanças que ainda repercutem na sociedade. Podemos trazer diversos exemplos de teóricas que tiveram importância na História da Filosofia, mas que, se não foram apagadas, tiveram suas imagens sombreadas por figuras masculinas. Hipátia de Alexandria (360 d.C. – 415 d.C.), aparece na História como a primeira mulher matemática, aluna da escola neoplatônica em Atenas, na

Grécia. Ela lecionou filosofia e astronomia, e foi torturada e cruelmente assassinada por fanáticos religiosos que não aceitavam sua influência política na cidade. Na contemporaneidade, temos o exemplo de Simone de Beauvoir (1908 – 1986), filósofa existencialista, feminista, ativista política, teórica social, cuja crítica e reformulação do pensamento da construção do feminino é completamente desprezada pela academia, além de ter seu nome reiteradamente associado à figura de Jean-Paul Sartre, com quem mantinha um relacionamento aberto. Nesse intervalo de tempo, da Idade Antiga à Contemporânea, tantas outras: Safo de Lesbos (630 a.C. – 604 a.C.), Aspásia de Mileto (470 a.C. – 400 a.C.), Diotima de Matinéia (440 a.C.) , Hildegard de Bingen (1098 – 1179), Cristina de Pisano (1363 – 1430), Olympe de Goudes (1748 – 1793), Lou Andreas Salomé (1861 – 1937), Rosa Luxemburgo (1871 – 1919), Ayn Rand (1905 – 1982), Hannah Arendt (1906 – 1975), Graciela Hierro (1928 – 2003), Susan Sontag (1933 – 2004), Lélia Gonzalez (1935 – 1994). Além das ainda em atividade Sueli Carneiro, Marilena Chauí, Julia Kristieva, Iris Marion Young, Judith Butler, Angela Davis e tantas outras.

A presença das mulheres que atuam como intelectuais já desempenha o papel de problematizar o significado de indivíduo — esse projeto eurocêntrico que é reificado e representado na filosofia —, ainda que essas mulheres não executem trabalhos diretamente voltados para os feminismos. O exercício desempenhado pelas mulheres nas ciências torna-se jornada dupla ou até mesmo tripla, quando se trata de mães ou avós. O cansaço físico não obedece a separação entre público e privado. Muitas vezes precisamos desempenhar trabalhos domésticos (geralmente não remunerados), para permitir condições de sobrevivência da família. Percebemos essas dificuldades mais evidenciada quando se trata de mulheres periféricas pretas e não brancas.

Existe uma cobrança implícita de que devemos ser mulheres exemplares, impondo-nos a condição de fortaleza emocional, em que devemos dar conta do lar, da família, do trabalho profissional. Também somos coagidas a viver para ensinar, entretanto nunca convidadas a aprender. Apesar de todo esse ambiente desfavorável a desenvolvermos o nosso processo criativo, permanecemos presentes nas academias. Nos cobrando e sendo cobradas a sermos as melhores intelectuais que conseguirmos ser. Porque nossas atividades filosóficas sempre estarão sub judice. O que nos causa insegurança e faz muitas vezes com que desistamos desse lugar que é rico para nós, mas que nos faz sofrer.

Felizmente, hoje observamos mulheres comprometidas não só com o filosofar, mas em criar condições de sobrevivência de outras mulheres nesse espaço que deveria ser democrático e inclusivo, mas ainda é sexista e classista. Nós do Sophia's, por exemplo, criamos um espaço de liberdade criativa em que trazemos diversas autoras

para discutirmos suas obras, suas críticas e suas contribuições. Fazemos o que deveria ser feito pela academia. A universidade não nos capacita, através do desenvolvimento filosófico, a estudar os movimentos feministas, mulheristas, de mulheridades, por exemplo, que inserem mulheres, em suas variedades (cis, trans, binárias, não binárias, intersex, queer...), no ambiente intelectual. Além disso proporcionamos uma atmosfera em que todas podem falar e serem ouvidas sem medo de constrangimentos, desconstruindo o que antes pensávamos ser timidez e hoje compreendemos como silenciamento histórico. No Brasil a fora observamos o surgimento de diversos coletivos com o mesmo objetivo do Sophia's. A Rede Brasileira de Mulheres Filósofas, coletivo de profissionais brasileiros engajados em projetos sobre filosofia e mulheres. O Blog Mulheres na Filosofia, que tem o objetivo de recuperar a obra de filósofas e investigam a subrepresentação feminina nessa área do conhecimento.

São ações que nos permitem, verdadeiramente, o direito de ir e vir, o acesso e permanência nas universidades, a busca pela revisão do reconhecimento jurídico que nos é dado, por salários pagos de forma justa, práticas de liberdade realizadas em atos de resistência, criação de coletivos, grupos, redes solidárias. Tarefas em aberto, construídas por mulheres que nos antecederam, cujas identidades e subjetividades foram reprimidas. Como mulheres, a nossa urgência não é apenas pelo reconhecimento, é principalmente de reparação. É notório ainda que em número menor, ocultadas e agindo por trás das cortinas do cenário principal, as mulheres sempre estiveram/estão/estarão presentes na produção de conhecimento. O campo jurídico presume a identidade comum para eleger cidadãos e cidadãs no Estado, a sociedade, entretanto, nos excluem no campo da representatividade e desconsideram as multiplicidades existentes em nossas vivências. Marcadores como raça, condição social, sexualidade são atributos que também nos constituem enquanto sujeitas.

Questionando fundamentos estruturalistas, que durante séculos nos condicionam de modo medíocre, e refazendo caminhos teóricos, observamos instituições que precisam ser repensadas e até mesmo desmanteladas. Não permitiremos que, como de costume nas ciências humanas, no tempo presente, homens falem das nossas práticas políticas sem aprofundamento teórico. No esforço de divulgar nossas criações e contribuições para a atividade filosófica, somos impactadas pela linguagem tradicional que não atribui à mulher o exercício reflexivo pela razão. Izilda Johanson (2020), no artigo "Por uma perspectiva feminista em história da filosofia", explica que a razão universal, a natureza humana e a igualdade, por exemplo, são conceitos implementados na filosofia a partir de perspectivas misóginas e masculinistas, que são inconsistentes ao pensamento autônomo. Que espécie de

liberdade necessitam mais os homens do que o Outro, a quem sempre foi negado seu espaço na atividade filosófica?

Somos muitas. Possuímos histórias diversas, atuamos em variados campos e, ainda que o motivo das lutas por dignidade, respeito e equidade não sejam óbvios para os homens, no que tange às ciências, queremos ser lidas. Que nos refutem, digam-nos que estamos equivocadas, ou nos ovacionem. Precisamos ser citadas, referenciadas nas bibliografias. Mulheres e homens, independente da orientação e desejo sexual, precisam ler mulheres.

Como pessoas cientes dos métodos de ensino-aprendizagem nas escolas e universidades, enxergamos as grandes contribuições dos pensadores homens que dedicaram suas vidas às pesquisas, experimentos, escritos e descobertas, pilares do pensamento ocidental e da maneira pela qual nós concebemos nossa consciência de sujeitas no mundo. Não excluimos o valor, a importância de aprofundamento e instrução nos cânones. Nesse viés defendemos uma ética de acolhimento, empatia e responsabilidade. Buscamos não apenas, mas também, o reconhecimento da nossa participação de maneira digna e justa, que nos atestem pela capacidade intelectual humana, longe, é claro, de toda teoria holística e dos discursos de favoritismo que giram em torno da história da fêmea sensível e ingênua.

A História, escrita por homens, não beneficiou em momento algum as mulheres. Por mais que se destacassem em suas filosofias, teorias críticas e postulados, a verdade produzida é de que somos incapazes de desenvolver criticidade de pensamento. Somos a sensibilidade, a delicadeza e a beleza. Razão, força e crítica estão sempre relacionadas ao masculino. E é a essa verdade fabricada e disseminada a qual recusamos. Não estamos pedindo autorização ao mundo masculino que nos aceite, nos respeite ou permitam que sejamos lidas. Não! Estamos invadindo. Tomando o que é nosso por direito. O mundo mudou, por mais que o liberalismo e as políticas neofacistas, produtoras de opressões, racismos, sexismos ainda estejam vigentes, nada nos deterá. É um caminho sem volta. Queremos nossa filosofia, nossas pesquisas no mesmo patamar das pesquisas feitas pelos homens. Não desejamos superioridade, e sim, equidade.

Visando todas as questões aqui impressas, a materialização deste volume da *Anãnsi* é um caminho em prol do futuro a ser feito. Este primeiro dossiê temático da *Anãnsi* "Filósofas e Filosofias da Mulheridade" reúne trabalhos de filosofia que abordam contribuições de mulheres para a área e trabalhos que realizam uma reflexão crítica para relação mulher-mundo-sociedade. Os leitores aqui podem ler sobre o pensamento feminista decolonial, uma crítica ao dualismo excludente homem/mulher a partir do olhar da filósofa María J. Binetti, e pesquisas acerca das contribuições de

Simone de Beauvoir, Julia Kristeva, Gayatri Spivak e Adela Cortina, contamos também com uma análise de filosofia aplicada a promotorias especializadas da mulher. Nos trabalhos de fluxo contínuo abordamos os temas: intuição e liberdade através do pensamento de Spinoza e Bergson e reflexões sobre a rede e a cibernética. Já na seção de traduções trazemos ao público os textos: "Sobre a vulnerabilidade linguística" de Judith Butler e "Uma crise em minha história mental" de John Stuart Mill.

Boa Leitura!

Simone Borges dos Santos

Joana de Santana Soares Ribeiro

Mariza Farias Miranda do Nascimento

[Representantes do Coletivo Sophia's ¹]

¹ O Sophia's foi criado em setembro de 2019. É uma iniciativa de mulheres, discentes do curso de Filosofia da UNEB. Surgiu com necessidade de conhecer produções realizadas por filósofas ao longo da História da Filosofia. O coletivo tem o objetivo de ampliar o conhecimento acerca das produções de mulheres, como também de promover a permanência estudantil feminina a partir do fortalecimento do discurso das discentes, que por muitas vezes são silenciadas por atos machistas e sexistas.